

TECENDO CONHECIMENTOS ACERCA DA ANÁLISE DE DISCURSO E ANÁLISE DE CONTEÚDO À LUZ DA EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Por: Edicarla Correia de Sá*

*Estudante do curso de pós-graduação Mestrado Profissional Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia.

Resumo: Este trabalho busca no relato de experiência trazer à tona reflexões acerca dos dispositivos Análise do Discursos e Análise de Conteúdo. Pautados nas discussões levantadas no ambiente virtual Trello e em sala de aula, na disciplina PAE II, no programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia. De forma a elucidar as reflexões levantadas durante a disciplina, especificamente em momentos dedicados para um aprofundamento teórico e metodológico sobre a AD e AC, utilizando como veículo o ambiente virtual Trello e a sala de aula presencial. Este trabalho busca dar continuidade ao processo formativo da pesquisa bem como teorizar as reflexões levantadas.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Análise de Conteúdo. Análise do Discurso. Gênero.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce como proposta de construção de relatório a partir das discussões realizadas no ambiente virtual Trello, no dia treze de agosto de 2019; e, em sala de aula, no dia 20 de agosto do mesmo ano. Sob orientação da professora Ana Lúcia Gomes da Silva, uma das duas professoras da disciplina Pesquisa Aplicada em Educação II, do programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia.

O tema norteador da discussão foi Análise de conteúdo e Análise do Discurso, o texto base escrito pelas autoras Rita de Cássia de Souza Soares e Rosana Figueiredo Salvi, intitulado Análise de conteúdo e análise do discurso em educação matemática. Além do texto, pontos deflagradores contribuíram para o tecer formativo acerca dos dispositivos de análise. Foram eles:

1. Caracterização conceitual da AC x AD;
2. Aspectos convergentes e divergentes: aproximações e afastamentos teóricos-metodológicos da análise;
3. Estabelecer relações com os métodos já estudados em PAE II e o adotado pelo pesquisador estudante do Mped para sua pesquisa.

4. Exercício de análise com os dados da aproximação de campo para a aula - socialização da aula de campo dia 03.09.2019, quando finalizamos a organização do 7º Ateliê.
5. Ver slides para subsidiar o debate.

Isto posto, objetivamos tecer uma reflexão sobre os dispositivos de análise de pesquisa, Análise de Discurso e Análise de Conteúdo, tomando por base as construções realizadas através da atividade compartilhada proposta pela profª da disciplina Ana Lúcia Gomes da Silva. Esta reflexão torna-se ainda mais relevante considerando o fato de nós pesquisadoras da turma de 2018.2 deste programa de mestrado, estarmos a ponto de dá o próximo passo na pesquisa após amadurecimento de nossos projetos individuais, como aponta a aluna Antônia Euza (2019):

A etapa da pesquisa denominada de Análise de Informações é considerada como uma fase imprescindível do processo investigativo, requerendo um olhar cuidadoso do pesquisador para com as informações que podem ser analisadas embasando-se sobretudo nos dispositivos metodológicos da Análise de Conteúdo(AC) ou na Análise do Discurso(AD). Para fazer a escolha com responsabilidade e conhecimento como propõe Caregnato e Mutti (2006, p. 684, apud RAMOS e SALVI, 2009, p. 7), faz-se necessário fazer uma caracterização conceitual da AC e da AD.

Esta etapa da pesquisa nos causa muitas indagações, questionamentos e ansiedade, o aprofundamento teórico e metodológico dos dispositivos que iremos utilizar em campo, sendo eles a AD e AC, é necessário para nos dar mais segurança antes de adentrar ao campo de pesquisa e iniciar o processo de interpretação da realidade a ser estudada.

Para tanto, utilizaremos a metodologia relato de experiência, já que partimos de dentro para fora, como relatoras e protagonistas do processo formativo. E de fora para dentro, no retomar da discussão para tecer uma nova reflexão. Pois integramos a turma 2018.2 do referido programa de mestrado Mped, citado no caput do texto - compomos uma turma de treze mulheres, orientadas na disciplina de PAE II por duas mulheres: as professoras Ana Lucia Gomes da Silva e Juliana Salvadori.

Objetivamos neste tecer formativo evidenciar as aproximações e afastamentos dos respectivos instrumentos de análise, por meio de relato de experiência, de forma a elucidar os apontamentos principais abordados pelas pesquisadoras do programa Mped em sua aproximação com os dispositivos.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Pesquisa Aplicada em Educação, ministradas pelas professoras Ana Lúcia Gomes da Silva e Juliana Salvadori. Componente integrante do currículo do programa mestrado profissional Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia. Que tem como objetivo principal o estudo aprofundado de metodologias de pesquisa aplicadas à educação.

O relato de experiência é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para o processo (auto) formativo das pesquisadoras autoras desta proposta de reflexão e também protagonistas das discussões base deste trabalho, acerca dos dispositivos de análise de pesquisa Análise de Discurso e Análise de Conteúdo.

É interessante atentar que a produção do conhecimento científico não ocorre de forma linear, principalmente quando se fala das ciências humanas e sociais. Para compreender os aspectos teórico-metodológicos e a trajetória da Análise do Discurso e a Análise de Conteúdo, Rocha e Deusdará (2005), apresentam uma relação entre as mesmas, enfatizando aspectos de aproximações e afastamentos. (**Juliana Mota Lima** [13 de ago às 23:32](#))

Buscaremos, como Juliana aponta, tentar sistematizar neste estudo os afastamentos e as aproximações que foram construídas durante o processo formativo da disciplina de PAE, em especial na aula que teve por tema os dispositivos de análise de pesquisa citados, discussões estas aprofundadas em dois momentos, no dia 13 de agosto através da plataforma virtual Trello, e no dia 20 de agosto, aula presencial na UNEB.

Observamos com olhar atuante integrante do grupo que apreciou os estudos e levantou as discussões base para este relato. Buscamos tecer reflexões objetivas e utilizando como principal aporte teórico Orlandi (2009), Passos (2015), Barros (2015), Foucault (2016), Bardin (2016), Rocha e Deusdará (2005), Sila e Fossá (2019), Caregnato (2019), entre outros. As referências deste trabalho são aportes teóricos utilizados na discussão das aulas pelas alunas do programa da turma 2018.2 do Mped-UNEB.

Tentaremos não realizar uma simples narração emotiva e subjetiva, nem tão pouco uma mera divagação pessoal e aleatória. Mas, vemos aqui uma oportunidade de tecer colaborativamente, um estudo relevante academicamente, mas sem desconsiderar os afetos que perpassam o processo formativo que nos atravessam a todo momento, visto que, para nós, é uma das fases mais importantes e complexas da pesquisa, como pudemos ver na fala da colega Vaneza Oliveira (2019) em resposta à inquietação e colaboração de outra colega: “Essa inquietação ainda me afeta, Dahy, uma vez que percebo que uma das etapas mais complexas da pesquisa é a análise de dados.” (Vaneza Oliveira de Souza, [14 de ago às 00:54](#))

Assim, a partir das leituras e diálogos compreendo a grande contribuição dos dispositivos estudados e tentaremos expor aqui a relevância desses dispositivos para a pesquisa em educação para compreensão e interpretação da realidade estudada.

3. APONTAMENTOS INICIAIS

Um dos desafios observados nos olhares, nos rostos e falas do grupo das pesquisadoras, foram os desafios que enfrentaremos no campo, ainda estamos no processo de validação da pesquisa para o comitê de ética, inscrevendo os projetos na Plataforma Brasil, nos indagando sobre validação de instrumentos de pesquisa, sabemos que os métodos de dispositivos aqui estudados e escolhidos para análise de dados do grupo de pesquisadoras, desta turma do ano de 2018.2, são ricos na coleta de dados, entretanto, conseguimos vislumbrar as tarefas árduas que teremos que passar no processo formativo da pesquisa.

Estes momentos de discussão são cruciais para o amadurecimento da formação do pesquisador, o processo de escolha do seu dispositivo de análise compõe um desses desafios, identificar qual dispositivo conversa com sua pesquisa e ainda com os deslocamentos e afastamentos individuais de cada pesquisadora. Como podemos perceber na fala de Rita (2019):

“as análises dos dados de pesquisa me trouxeram deslocamentos acerca das possibilidades que dialogassem com minha pesquisa. Acredito que no primeiro contato com essa temática no componente de Práticas Discursivas, iniciou-se um processo de aprendizagem no que tange Análise de Conteúdo e de Discurso. Diante da minha imaturidade acadêmica, enquanto pesquisadora iniciante, tive dificuldade na compreensão das aplicações práticas de cada uma delas. Hoje, na oportunidade de reler os materiais a respeito de ambas, trago um olhar mais esclarecido e concebo esta etapa como uma tarefa desafiadora.” (Rita de Cássia Dias Nascimento, [18 de ago às 16:46](#)).

O constante processo auto-formativo é essencial para a realização destes deslocamentos, a aluna percebe que no início do curso seus entendimentos sobre os dispositivos de análise, este processo é comum a todas nós, e a todo pesquisador iniciante, no aprofundamento do seu projeto de pesquisa, fase anterior a ida ao campo a ser investigado.

A compreensão dos dispositivos ainda está em construção, entretanto, estamos mais próximos a eles, do que antes. Como nos diz Edicarla (2019):

“Notamos que a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir, uma grande responsabilidade, estudo, conhecimento e dedicação por parte do analista e constante revisitação a teoria escolhida como dispositivo para compreender os discursos presentes em sua pesquisa, e esse trabalho se dará ao longo de toda a trajetória de construção realizada pela pesquisadora e seu objeto” (Edicarla Correia de Sá, [13 de ago às 23:37](#)).

O ir e vir que a aluna fala se dá não apenas na aplicação dos dispositivos, mas em todo o processo formativo da pesquisadora. E durante a aula presencial isto ficou ainda mais claro: “Ela não quer a língua, ela não quer o texto, ela não quer a gramática, o analista do discurso não quer nada disto, ele quer o discurso. E o discurso é a língua em funcionamento.” (Ana Lúcia Gomes da Silva, 20 de agosto de 2019)

Nosso objetivo principal como analistas do discurso é entender as posições de do discurso e o lugar de assujeitamento que o sujeito autor do discurso está posicionado, este lugar irá influenciar diretamente a posição de discurso.

Na aula fizemos um exercício prático, orientado pela professora, nos questionou sobre o significado de terra para diferentes sujeitos, o sem terra, o comerciante, o agronegócio, o agricultor familiar, o sindicato. Percebemos claramente os diversos sentidos que existem para uma única palavra, a diferença está nos diferentes lugares de fala de cada sujeito que vive de modo diferente e dá um sentido diferente para a palavra terra. Na fala de Rita (2019) também vemos esta construção:

A Análise de Discurso, como bem assegura Orlandi (2007) aponta como objeto central o discurso e seus sentidos. Concebe ainda a linguagem como signos de mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Portanto, entende-se que não há discursos sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O sujeito dessa linguagem apresenta-se influenciado pela história e está imbricado à sua ideologia e a constituição de seus sentidos são afetados por esses aspectos. (Rita de Cássia Dias Nascimento [18 de ago às 16:46](#))

A autora nos destaca como ferramentas para realizar a análise do discurso: entender como o discurso se textualiza e sua discursividade, a historicidade do texto em sua materialidade; compreender a função autor e sujeito: o imaginário e o real. Perceber ainda, os efeitos metafóricos presentes no discurso, o dito, o não dito; as tipologias e relações entre discursos; as marcas, propriedades e características presentes, como o formal, o discursivo e o contudista; a enunciação, pragmatismo, argumentação também. Bem como a própria noção de língua trabalhada na análise de discurso, compreendendo como um sistema sujeitos a falhas, ideologicamente marcado, constitutivo tanto do sujeito como da produção de sentidos. (Edicarla Correia de Sá, [13 de ago às 23:37](#))

Este exercício inicial esclarece de forma objetiva e didática para tentarmos situar o lugar base-conceitual da análise do discurso, estes exercícios iniciais nos faz retomar para o lugar de aprendizes naquele processo formativo nos primeiros momentos iniciais das aulas de PAE e do componente Práticas Discursivas.

Inicialmente, quando falávamos sobre Análise de Conteúdo e Análise de Discurso, soava como um enfrentamento dessas técnicas, talvez uma interpretação precoce, sem aprofundamento de conhecimentos, o que nos levou a hierarquizar-las, sobrepondo uma à outra. No decorrer do processo de produções, leituras e entendimentos, levando em consideração a importância de nossa pesquisa, suas características e demais elementos que a compõe fomos aos poucos amadurecendo nossos conceitos metodológicos e compreendendo que tudo depende de coerência, daquilo que melhor se adéqua a nossa pesquisa.

Entendemos que através da pesquisa há uma constante busca em aproximar a Ciência da realidade, para isso é indispensável a utilização de uma metodologia adequada no decorrer de toda produção do conhecimento. A Análise de Conteúdo (AC) e a Análise de Discurso (AD) são mecanismos de análise das comunicações que podem ser aplicados em dados obtidos durante a pesquisa. (Alberthyvania Brasileiro de Castro [13 de ago às 23:23](#)).

Entretanto conseguimos realizar o ir e vir do processo formativo, voltar as reflexões iniciais, retomar os conhecimento já construídos através das atividades didáticas disparadoras de nossas memórias formativas, e voltar para produzir um nosso conhecimento mais amadurecido acerca dos dispositivos de análise de pesquisa. Bem como de ter ciência da metodologia que a pesquisadora deverá utilizar para atender seus objetivos.

Vale ressaltar que o dispositivo Análise de Conteúdo é uma das principais escolhas para dispositivo de análise do mestrado profissional Educação e Diversidade da UNEB, esta escolha deve-se ao fato de, justamente, deste processo de amadurecimento dos pesquisadores e pesquisadoras, que o leva a escolha do dispositivo:

BARDIN faz uma teorização densa sobre a análise de conteúdo e todas as suas peculiaridades, a obra é umas das principais fundamentações utilizadas nas pesquisas realizadas no MPED que utilizam da análise de conteúdo como dispositivo de análise. De fato, há um rigor técnico-metodológico que deve prevalecer na análise de conteúdo, como traz a obra de BARDIN. Contudo, por tudo o que já estudamos sobre a pesquisa científica e, em específico, a pesquisa em educação, apesar de haver um caminho metódico no desenvolvimento de uma pesquisa (que não deve ser negligenciado), a pesquisa qualitativa é marcada por intencionalidades, envolve um relação direta entre sujeito e objeto [...]. (Laiabreu, [13 de ago às 11:17](#)).

Percebe-se o caminho formativo da aluna, ao iniciar sua fala ressaltando a relevância dos dois dispositivos, AC e AD, a pesquisadora busca realizar reflexões sem hierarquizar os dispositivos de análise, deste modo, cabe ao pesquisador, a partir do entendimento e compreensão de seu objeto de pesquisa, seus objetivos e seu método, a escolha do instrumento que utilizará para analisar a realidade estudada.

Este estudo busca, justamente, isto, realizar os afastamentos e as aproximações, tecer um caminho de continuidades e rupturas, explorando os diversos aspectos dos dois

dispositivos de análise, tendo por linhas de trabalho dessa tessitura as discussões da disciplina de PAE.

4. AFASTAMENTOS E APROXIMAÇÕES - DISCUSSÕES ACERCA DOS DISPOSITIVOS DE ANÁLISE AC E AD

Os dispositivos AC e AD são mecanismos de análise que contribuem cada um a seu molde, às perspectivas do pesquisador, que o eleita para ser seu dispositivo de análise, considerando seu objeto e seus objetivos de estudo. “São mecanismos de análise das comunicações que podem ser aplicados em dados obtidos durante a pesquisa.” (Alberthyvania Brasileiro de Castro, [13 de ago às 23:23](#)).

São instrumentos de análise científica, aqui utilizadas nas pesquisas em educação e diversidade, na construção do pensamento, através do qual se conceitua fenômenos e identifica, na realidade específica ao qual o pesquisador tem como foco de intervenção e estudo, suas manifestações. Permite, inclusive, a comparação das diferentes manifestações.

Rocha e Deusará (2005), apresentam uma relação entre as mesmas, enfatizando aspectos de aproximações e afastamentos. Desse modo, indicam que a Análise de Conteúdo tem o intuito de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do verdadeiro significado com o objetivo de captar um saber que está por trás da superfície textual. Nessa perspectiva existe um distanciamento na relação entre o pesquisador e o objeto de estudo visando a neutralidade. Enquanto a Análise do Discurso caracteriza-se por uma mudança da postura do observador em face do objeto de pesquisa, rompe com a ideia de neutralidade e não dissocia a linguagem da interação social, ou seja, considera o pesquisador como agente participante que contribui para a construção e articulação entre linguagem e sociedade. (Juliana Mota Lima [13 de ago às 23:32](#)).

Os afastamentos iniciais apontados por Juliana (2019) em análise aos autores Rocha e Deusará (2005) nos situa logo, sobre a postura do pesquisador, que se diferencia diante de cada dispositivo, na AC sugere o distanciamento do pesquisador ao objeto na relação análise-produção do conhecimento, e na AD rompe com tal ideia, tanto pesquisador quanto objeto pesquisado são agentes produtores do novo conhecimento que surge no processo da pesquisa.

Acreditamos que esta neutralidade na pesquisa é algo difícil de ser alcançado pelo pesquisador, onde já pudemos entender que nenhum discurso é neutro, passível de ser único e novo sem afetamentos sociais e ideológicos, portanto, o atuar do pesquisador, as tessituras construídas por meio do fazer científico não está excluído dos assujeitamentos que controlam nossas mentes, e portanto, nossas ações.

Em relação às diferenças, a AC trabalha com o conteúdo a partir da materialidade linguística, já a AD contempla o sentido do discurso emitido, buscando os efeitos de sentido

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que se relacionam com o discurso. Enquanto a AC centraliza o texto, a AD fará na leitura do discurso sua correlação com a interrelação com o contexto social, político e ideológico na produção dos sentidos.

Observa-se que em relação aos métodos estudados, tanto a AD quanto a AC podem ser utilizados nas pesquisas qualitativas, visto que cada pesquisador segue o caminho de análise mais adequado para compreender o fenômeno que se quer pesquisar.

Em se tratando da minha pesquisa, a escolha feita foi a Análise de Conteúdo em virtude da possibilidade de conhecer como os saberes populares de saúde podem contribuir para a potencialização do Programa Saúde na Escola na perspectiva étnico-racial. Desvelando, assim, *situações que se estabelecem nos processos de comunicações* para o alcance e elaboração de novos conhecimentos a partir de falas ou textos. (Rita de Cássia Dias Nascimento [18 de ago às 16:46](#) - grifo nosso)

As ‘situações’ grifadas no texto da pesquisadora Rita de Cássia D. Nascimento, são as categorias teóricas que podem surgir, enquanto dados a serem construídos, durante a pesquisa. Sua opção de escolha do dispositivo nos ajuda a entender sobre ele próprio e como, na prática, podemos utilizá-lo nas análises de nossas pesquisas qualitativas em educação.

Fato importante sobre os dispositivos e sua ligação às abordagens de pesquisa em educação, nos aponta a aluna Vaneza, nos faz questionar sobre a proximidade de nossas pesquisas aos respectivos dispositivos:

Rocha e Deusdará (2005), no texto Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória, diferenciam a Análise do Conteúdo da Análise do Discurso destacando alguns fatores que aproximam a Análise do Conteúdo da abordagem positivista, visto que valoriza a pretensa objetividade, neutralidade e afastamento do pesquisador, ao buscar o “significado do texto, na tentativa de alcançar diretamente o que haveria por trás do que se diz”. Nessa concepção de linguagem, não se considera o contexto da produção, os elementos históricos e culturais, como fatores que se interrelacionam na produção de sentidos. Vaneza Oliveira De Souza, [13 de ago às 23:47](#)

A partir de sua colocação nos questionamos: sendo que nossas pesquisas, todas partem de uma abordagem qualitativa, considerando esta de caráter relevante que nos auxiliará nos aproximar do objeto, ter um olhar tanto apurado, quando passível de afeto, para compreender as diversas situações que surgirão no campo de pesquisa, não seria uma contradição, utilizar como instrumento de análise o dispositivo Análise de Conteúdo?

Percebendo nas falas das alunas, este entendimento do dispositivo próximo ao conhecimento objetivo positivista, não seria condizente, portanto, o uso de um dispositivo que se alinhe as bases epistemológicas onde nasce nossas pesquisas?

Por que há este senso de julgar o dispositivo AC como sendo “mais fácil” antes mesmo de se aprofundar nos dispositivos de análises possíveis para as pesquisas em educação e diversidade?

A aluna continua:

Na Análise do discurso, por outro lado, parte-se da concepção da linguagem como construção social onde interagem o lingüístico e o extralingüístico, ou seja, a linguagem como interação, impregnada de construtos sócio, histórico ideológicos. Além disso, o pesquisador é visto como agente participante que coloca sua subjetividade em jogo ao fazer a análise.

Como aproximação, os autores citam a relevância conferida ao rigor científico, observada nos dois mecanismos de análise, a necessidade de explicitar os caminhos teóricos e metodológicos percorridos na investigação, de forma a garantir sua validade. Vaneza Oliveira De Souza, [13 de ago às 23:47](#)

É interessante que nós pesquisadoras busquemos o aprofundamento teórico-metodológico antes de adentrarmos ao campo, isto vem do comprometimento do pesquisador com sua pesquisa, quando busca tomar a responsabilidade de compreender seu objeto, de primeiramente, afetar-se por ele, e enxergar que método ele demanda.

Aspectos relacionados à AC

Os estudos levantados nas discussões nos dois ambientes, virtual e presencial, pautaram-se especialmente em Bardin (2016) para entender o conjunto de técnicas que a AC pauta-se para interpretar a realidade, buscaremos citar os apontamentos que foram realizados nos ambientes pelas alunas pesquisadoras, relacionados à disciplina de PAE II.

A partir das reflexões construídas até o momento, podemos entender que tanto Bardin (2016) quanto outros autores citados pelas alunas em seus textos, referências deste trabalho, buscam referir-se à AC como sendo um dispositivo de análise de pesquisa que trabalha com a palavra, de forma objetiva, produz inferências do conteúdo da comunicação de um texto generalizáveis ao seu contexto social. Por seu caráter objetivo, pode ser usado em pesquisas qualitativas, quanto quantitativas, como afirma a aluna Antônia Euza (2019):

A Análise de Conteúdo pode ser entendida a partir de leituras e releituras de Bardin, como um conjunto de técnicas para analisar as informações sejam elas qualitativas ou quantitativas, através de inúmeros procedimentos sistêmicos e objetivos dos conteúdos das mensagens, tendo a inferência como uma das intenções da análise.

Quando se fala de inferência no processo de Análise de Conteúdo, Franco (2005) também seguindo os passos de Bardin diz ser essa (a inferência) a razão de ser desse procedimento analítico. Para ela a inferência de conhecimentos às mensagens analisadas deve ser feita de maneira lógica, pois é ela “o procedimento intermediário

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que vai permitir a passagem explícita e controlada da descrição à interpretação das informações” (FRANCO, 2005, p. 26). Antonia Euza Carneiro de Sousa [13 de ago às 17:06](#)

As inferências do conteúdo do texto são, podemos dizer, o objeto principal de análise da AC, e será a partir da organização destes dados onde poderemos identificar e construir as categorias, peças-chaves para a produção de um novo texto, que trará, explícita e controladamente, interpretações e generalizações do conteúdo. O analista buscará categorizar as unidades do texto que se repetem, palavras/frases/expressões, cuja qual seja dada a estas uma expressão/categoria/palavra-chave que a represente.

Isto fica ainda mais claro nas falas das alunas Nazaré Costa e Vaneza Oliveira (2019) sobre este dispositivo, utilizando Bardin como teórico fundantes das reflexões:

[...] possibilita a classificação por categorias temáticas e diz que a AC não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação. (Nazaré Costa, [13 de ago às 20:46](#))

[...] que tem como objetivo compreender os significados e sentido contidos nos fragmentos de mensagens, tomadas como dados da pesquisa. Apresentando caráter científico, cujos delineamentos ultrapassam a simples leitura, a análise de conteúdo procede a uma interpretação aprofundada, a partir de etapas planejadas, relacionadas com os objetivos da investigação, sem desconsiderar que o olhar da investigadora sempre estará presente. (Vaneza Oliveira De Souza, [13 de ago às 23:47](#)).

Reveladas as categorias temáticas, podemos construir elementos analíticos, significações, que exigirão do pesquisador-analista atenção, flexibilidade, objetividade e capacidade de organização para nos apresentar dados devidamente tratados por este instrumento. Sobre tal sistematização, Alberthyvânia Brasileiro de Castro (2019) nos revela:

Sobre a AC, esta abrange as iniciativas de explicação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito de origem dessas mensagens (BARDIN, 2016), ou seja, visa a revelar o que está escondido, latente ou subentendido na mensagem. (Alberthyvania Brasileiro de Castro [13 de ago às 23:23](#))

Para que o analista alcance este desvelar do texto, Bradin (2016) nos revela passos a serem tomados que foram observados pelas pesquisadoras durante as reflexões sobre este instrumento, relacionados à exploração do material e tratamento dos resultados obtidos em campo:

A primeira fase – pré-análise, será para leitura, seleção e organização das informações adquiridas com a utilização dos dispositivos (análise de documentos, observações com registro em diário de campo, as entrevistas semiestruturadas,

grupos focais e questionários), considerando sobretudo a pertinência do material para com o objetivo do trabalho, como alerta Bardin (2016).

Passando para a segunda fase quando será realizada a exploração do material, precisamos atentar para uma maior organização das informações conseguidas junto aos colaboradores e aos documentos, classificando-os em categorias (palavras, frases de efeitos repetidas, etc.), para melhor compreender o sentido da fala dos entrevistados e dos próprios documentos que serão analisados.

Na terceira fase é momento da inferência e interpretação dos resultados. Nesse momento será feito o cruzamento entre as diferentes informações a fim de perceber o que mais se aproxima ou se distancia entre si, a fim de elaborar uma sistematização mais segura do resultados encontrados com o intuito de responder as indagações da pesquisa e alcançar os objetivos propostos para a investigação. (Antonia Euza Carneiro de Sousa [13 de ago às 17:06](#)).

Claramente nos é explicado pela aluna-pesquisadora como realizar a pesquisa utilizando deste dispositivo, nos ajuda também a entender os motivos que nos leva a o escolher como instrumento de análise para as pesquisas qualitativas, não é tão simples de se entender os diversos tipos de dispositivos, e fica cada vez mais coerente compreender os porquês que nos leva a escolha da AC: este método não é tão superficial quanto alguns autores sugerem, não é tão pura que não seja afeta pelos afastamentos e deslocamentos em que o próprio pesquisador está infligido, e sua capacidade de desmembrar e reagrupar pode ser tão capaz de atender o que busca o analista: a interpretação dos dados. O que vai dizer, novamente afirmamos, o tipo da escolha do dispositivo, é o objeto, são os objetivos e o amadurecimento teórico-metodológico do pesquisador.

Aspectos levantados acerca da AD

A Análise do discurso aprofundada durante as aulas de PAE II, que se apresenta nas pesquisas do programa de pós-graduação Mped, refere-se a linha de estudos AD da linha francesa, por articular o discurso como forma material da ideologia.

A AD trabalha portanto com o sentido do texto e não com o conteúdo. Reflete as características externas, ideológicas, históricas, sociais, o lugar que o sujeito ocupa ao praticar o respectivo discurso, entre outros. Podemos afirmar que a AD entende a linguagem em seus movimentos, nos espaços sociais que ocupa, media, e quais relações de sentido ela dá ou estabelece ao fazer a ligação do indivíduo com a sua realidade.

É complexo, por isso exige por pesquisador dedicação nos estudos teóricos e metodológicos, caso escolha a AD como instrumento de análise ou mesmo o próprio método de construção dos dados.

A proposta intelectual em que se situa a Análise do discurso portanto é buscar extrair sentidos do texto, respondendo a questão: o que este texto quis dizer? Podemos entender até aqui a partir destas reflexões que a questão do sentido é fundamental, se constituindo no espaço da linguagem e esta só faz sentido porque se inscreve na história.

A autora (Orlandi) nos evidencia o quanto esta **linguagem**, materializada no texto, carrega em seu discurso toda uma gama de **ideologia** e sentidos entrelaçados pela **história**, vivências, instituições, posição que o sujeito ocupa, “seu lugar de fala”, dentre outras situações que reproduzem-se nas práticas de discurso. (Edicarla Correia de Sá, [13 de ago às 23:26](#), grifo nosso)

Neste sentido podemos dizer que a AD atua com os seguintes aspectos: ideologia, história e linguagem. O que amplia e complexifica tanto nossa compreensão de linguagem quanto o uso do próprio instrumento. Pois muitas vezes, a linguagem não se apresenta para nós de forma transparente, nem sempre será clara e haverá muitas intenções além do que foi realmente exposto. Ratificado nas contribuições da aluna Rita de Cássia Nascimento (2019) ao refletir os textos de Ramos e Salvi (2009) sobre este dispositivo:

Sendo assim, o corpus da AD é constituído da formação da Ideologia, História e da Linguagem. Ao interpretar os dados seguindo esta perspectiva, o analista também é influenciado pelas suas ideologias e experiências, podendo ser passível de equívocos. A formação dos discursos perpassa pela relação do intradiscurso, caracterizado com o que está sendo dito no determinado momento, em condições dadas e de forma linear, e o interdiscurso, baseado nos saberes já ditos pela construção coletiva, conotando uma memória do dizer. E ainda apresenta influências de formações imaginárias tais como a antecipação e das relações de força que contribuem para a significação do discurso constituído. [...]. (Rita de Cássia Dias Nascimento [18 de ago às 16:46](#) em resposta à discussão levantada por @dahyjacobina1).

A interpretação que poderemos construir a partir da AD será o próprio lugar da ideologia materializada historicamente. Será o caminho que o analista deve percorrer e também as saídas que encontrará, permitindo nos revelar interpretações que deem visibilidade aos sentidos que os sujeitos deu aos seus discursos, estes assujeitados por ideologias, histórias e o lugar de fala que o sujeito ocupa.

5. O DISPOSITIVO ANÁLISE DO DISCURSO E AS RELAÇÕES DE PODER - GÊNERO

Nosso lugar comum de fala é a educação, entrelaçadas pelas posições que nos assujeitam: pesquisadoras no programa educação e diversidade. Faz sentido que a questão de gênero surgisse em meio às falas das pesquisadoras. Vale ressaltar que construímos este lugar, não propositalmente, somos treze mulheres, que constroem e amadurecem seus percursos formativos contribuindo umas com as outras.

Somos mulheres que buscaram traçar trajetórias colaborativas em seu processo formativo na pós-graduação e tenta, a partir destas linhas tecer um conhecimento novo, político, crítico e atuante nos diversos contextos a qual estamos atravessados.

O gênero surge como categoria fundamentada por Foucault, ao analisar as relações de poder que atravessam os discursos que produzimos no processo de socialização da sociedade, portanto, também, as questões relacionadas ao gênero.

[...] como afirma Foucault, os discursos que produzimos em sociedade são controlados por relações de poder, construídas sócio historicamente, e determinam o que é válido ou deve ser rejeitado. Existe um controle ou seleção de “verdades” que, uma vez validadas, tem permissão para ser disseminada. Mecanismos de repressão do discurso, que o autor chama de interdição, delimitam quem pode dizer, o que, como e em que momento dizer. Portanto, embora “pareça pouca coisa”, em todo discurso existe um jogo complexo de interesses que se estrutura a partir de relações de poder e dominação, estabelecendo lugares privilegiados de fala. (Vaneza Oliveira De Souza [14 de ago às 01:14](#)).

Tais lugares privilegiados, constituídos historicamente, construindo a sociedade que vivemos hoje, ao longo do tempo estamos, inconscientemente ou não, reforçando e reproduzindo os mais variados mecanismos de controle que assujeitam nossos discursos e nossos corpos, através dos diversas estruturas que são estruturadas e são fator estruturantes da sociedade, a exemplo a escola, locus de pesquisa da maioria dos projetos das pesquisas do Mped. Durante a aula, a professora Ana Lúcia Gomes da Silva (20 de agosto de 2019) nos esclarece sobre este apontamento:

“nós vamos para a escola e vemos um movimento muito maquínico, a escola como uma maquinaria de repetição de corpos, os corpos educados, os corpos vigiados [...] a narrativa é o objeto de estudo” (Ana Lucia Gomes da Silva, 20 de agosto de 2019)

Foucault e Ana Lucia Gomes da Silva nos ajudam a questionar os procedimentos discursivos que reforçam e propagam o controle de tudo que é (re)produzido pelo discurso, estes que nos impõe verdades, construídas historicamente por quem é detentor de poder e que é reproduzido por toda a sociedade, pelos diversos instrumentos que estruturam a sociedade, sendo um deles, e principalmente, a escola. Como reforça a aluna Vaneza Oliveira (2019)

A escola, o currículo, a fala do/a professor/a estão posicionados em lugar privilegiado, de poder, e podem estar reproduzindo o discurso de dominação de muitos grupos culturais. A escola é lugar estratégico para a disseminação ou para o questionamento de verdades produzidas e validadas socialmente, através da linguagem. (Vaneza Oluveira De Souza [14 de ago às 01:14](#)).

No caso das relações de gênero e raça, que se entrelaçam, entendendo esse encruzilhar de questões a partir do olhar interseccional, compreende-se que são muitas as interdições que aparecem no muitos discursos, porém, todos pautados em relações hierárquicas de poder, que tentam nos colocar em lugares de subalternidade.

Como referência relevante que possibilita o rico cruzamento de conhecimentos a aluna Edicarla traz Grada Kilomba (2019) para entender como os discursos ou silenciamentos tem uma relação forte e direta de poder um com o outro, a partir do momento que dado grupo social tem o poder de validação do discurso, outro grupo automaticamente é silenciado, ou suas vozes, seus discursos não são ouvidos, não tem poder na sociedade.

Ao trazer este conhecimento para as relações de gênero, sendo nós um grupo de mulheres, penso nos diversos discursos que nos acultura, que dociliza nossos corpos; e, nos induz a comportamentos muitas vezes indesejados, por mais que exista resistência a estas manobras de poder, ainda assim, haverá momentos que seremos reprimidas, que nossa 'rebeldia' será combatida e contida de diversas formas por aqueles que detém o lugar de poder no discurso. Penso, seria o discurso estruturante? Em "As máscaras" escrito por Grada Kilomba, vemos claramente quando o silenciamento da fala torna-se instrumento de colonização. Emblematizado pela figura de Anastácia, usando uma máscara para silenciar por completo as pessoas escravizadas, e legitimar uma estrutura violenta de exclusão racial: o racismo. O discurso se viesse a tona desvelaria a imagem de terror da escravidão, e desmantelaria-o. Seria necessário silenciar, esconder, reconfigurar o terror, o medo, o feio, o sujo, o ruim no 'outro' e não em que era de fato o possuidor dos mecanismos de opressão. Permitindo a branquitude olhar para si como apenas civilizada, decente, generosa, vocacional e moralmente ideal. (Edicarla Correia de Sá, 14 de agosto às 00:04).

Aqui vemos como o discurso colabora para as estruturas que constroem a sociedade como a vivemos atualmente, neste caso o racismo surge na discussão trazendo a pesquisadora Kilomba como aporte para compreensão da relação discurso-silenciamento-poder.

É dentro desse complexo jogo de relações que atua o analista do discurso, o que torna esse dispositivo bastante desafiador para qualquer pesquisador/a, e em especial para pesquisadoras iniciantes como nós. (Vaneza Oliveira De Souza [14 de ago às 01:14](#)).

Discursos controlando mentes, e mentes controlando ações. possível perceber como o controle exercido por esse(s) mecanismo(s) é fundamental para a manutenção dos discursos. Num processo contínuo de criação, mas dentro, porém de um jogo restrito. Entretanto não nos

posicionamos passivamente, assim como a escola, é lugar de socialização e desconstrução, há afastamento e aproximações, por isso estamos aqui hoje, nos permitindo ser afetadas por esse processo formativo.

Não silenciar, compreender os discursos, bradar quando preciso, e nos questionar como posso fazer para desestruturar as correntes que me aprisionam é um passo grande e necessário. Devemos continuar a buscar preencher as lacunas da nossa capacidade de contestação, causando desordem na ordem imposta, fazendo nascer novas ordens, novos discursos, novos jogos de pensamento, novos lugares de fala e de poder. (Edicarla Correia de Sá, [14 de ago às 00:04](#)).

Ou seja, antes de tudo, somos treze mulheres pesquisadoras em educação e diversidade, dando continuidade ao debate histórico sobre diferença, igualdade, gênero, feminismo e demais transformações econômicas, sociais e culturais em curso na sociedade, que buscam na AD e AC, instrumentos de análise para intervir com clareza, buscando no afeto (não de forma sentimental, mas no verbo afetar) compreender as novas formas de subjetividade e de poder que atravessam os discursos da sociedade em seus moldes atuais.

Entendemos, portanto, e nos colocamos aqui em firme posição de conhecimento do lugar que ocupamos, que tais mudanças apontam também possibilidades concretas de construção de relações de gênero mais democráticas, diversas, atravessadas por novos afetamentos, incluindo o respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo você leitor-pesquisador a ter acesso a esta pesquisa, esperamos que entenda a importância da aprofundamento teórico e metodológico antes de trilhar os caminhos da pesquisa em campo.

Tecer tais reflexões contribuíram para o entendimento dos dispositivos estudados, este caminho ir-e-vir, construir e desconstruir, é essencial para o processo formativo das pesquisadoras em educação e diversidade, que se propuseram, desde o início da inscrição no programa Mped-UNEB, a se deixarem ser afetadas pelo ser da pesquisa. Este ser complexo e que muitas vezes nos angustia, as repostas nos construímos colaborativamente, e esta é uma das principais lições que deixamos aqui.

As práticas compartilhadas de saberes foram nosso principal recursos para a compreensão e aprofundamento das diversas metodologias e teorias cujas quais tivemos contato. Uso das palavras das alunas Antonia Euza Carneiro de Souza e Lais Abreu (2019)

para as considerações, que acredito serem ponto de partida e meio para todas nós, e você também leitor-pesquisador ou bom curioso da pesquisa:

Diante dos estudos até aqui realizados percebemos a importância desses referenciais teórico-analíticos, cada um acompanhando o pesquisador em seu caminho de análise escolhido, guiando-o nas interpretações dos fenômenos estudados. Nesse sentido convém coadunar com as ideias de Caregnato e Mutti (2006), pois, acredita-se que não exista uma análise melhor ou pior, o importante é que o pesquisador conheça as várias formas de análise existentes na pesquisa qualitativa [e quantitativa] e sabendo suas diferenças, permitirá uma escolha consciente do referencial teórico-analítico, decorrente do tipo de análise que irá empregar na sua pesquisa, fazendo sua opção com responsabilidade e conhecimento. (CAREGNATO E MUTTI, 2006, p. 684 apud RAMOS e SALVI, 2009, p. 7). (Antonia Euza Carneiro de Sousa, [13 de ago às 17:06](#))

Por tudo o que já estudamos sobre a pesquisa científica e, em específico, a pesquisa em educação, apesar de haver um caminho metódico no desenvolvimento de uma pesquisa (que não deve ser negligenciado), a pesquisa qualitativa é marcada por intencionalidades, envolve uma relação direta entre sujeito e objeto, parte de uma realidade acerca da qual o/a pesquisador/ora já tenha uma certa familiaridade, um contato prévio, ou seja, a neutralidade positivista não é uma condição imprescindível para a validade da pesquisa. O rigor metodológico, a teorização e o compromisso com a geração de conhecimento novo, sim. De fato, “O essencial é saber ver” (Alberto Caieiro). (Laiabreu, [13 de ago às 11:17](#))

Assim como a interpretação na AD cabe ao analista da linguagem, você leitor cabe tirar o melhor de si e deste coletivo, deixamos pista que foram sistematizadas, reunidas, para ajudar na compreensão dos dispositivos de análise de pesquisa, AD e AC, cabe agora a você construir suas tessituras, aqui encontrará contribuições que poderão enriquecer seu processo formativo. Enfatizo e ratifico as palavras de Caieiro, trazidas por Lais Abreu - “o essencial é saber ver”, a última palavra que uso para considerações finais é: gratidão.

REFERÊNCIAS

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto contexto - enferm. [online]. 2006, vol.15, n.4, pp.679-684. ISSN 0104-0707. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.

Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt)

[07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072006000400017&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 12 agosto 2019.

http://gianti.ea.ufrgs.br/files/artigos/1997/1997_052_RAUSP_Freitas_Cunha_Moscarola.pdf

Acesso em: 10 agos 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Regina Benevides de. PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / (orgs.) Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

FOUCAULT, Michel. Ordem do discurso (A). Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Henrique. M. R.; CUNHA, Marcus V. M., JR.; MOSCAROLA, Jean. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. Revista de Administração da USP, 32(3), 97- 109, 1997. Disponível em ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. In: Análise de discurso: princípios e procedimentos. 2009.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. 1. Ed. Rio de Janeiro: 2019.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. p. 17-31. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. (orgs). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAMOS, Rita de Cassia de Souza Soares;Salvi Rosana Figueiredo. Analise De Conteúdo e Analise Do Discurso Em Educacao Matematica –um olhar sobre a produção em periódicos qualis a1 e a2.IV SEMINARIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCACAO MATEMATICA.Brasilia:SBEM,2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/ifhiecem/arquivos/9GT94689598053.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2019

ROCHA, D. O. S. ; DEUSDARÁ, Bruno . Análise de conteúdo e Análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, n.1, p. 29-52, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502006000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 10 agost 2019.

ROCHA, Décio. DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. In: ALEA, v. 7, n. 2, jul./dez. 2005, p. 305-322.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ Maria Ivete Trevisan; Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. Anais do IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília/DF. 03 a 05/11/2013. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf> Acesso 10 agos de 2019.